

**POR UMA
LINGÜÍSTICA CRÍTICA¹**

RAJAGOPALAN, Kanavillil ² (UNICAMP)

¹ Este texto foi redigido a partir das anotações utilizadas para uma conferência proferida na abertura da XIX Semana Acadêmica de Letras UNIOESTE, Cascavel, PR em 10 de setembro de 2001. Trata-se de uma versão enxuta. Algumas das idéias apresentadas aqui fazem parte de um projeto financiado pelo CNPq (processo nº 306151/88-0).

² Professor Titular da Unicamp, na área de Semântica e Pragmática das Línguas Naturais.

RESUMO: Com este artigo, objetiva-se refletir sobre a necessidade de conduzir os estudos da linguagem com base em uma postura crítica. Bastante recente na história da Lingüística, a Lingüística Crítica apresenta-se hoje como um movimento consolidado. Abordar a Lingüística de forma crítica implica abrir mão de uma das idéias pré-concebidas a respeito de pesquisa lingüística que, na verdade, apenas tem funcionado como um entrave: a famigerada noção da "neutralidade" do cientista, herança do positivismo que imperou na época em que a Lingüística se consolidava como disciplina autônoma. No entanto, a comunidade lingüística está cada vez mais consciente de que, da mesma forma que nos demais campos do saber, fazer ciência também é uma prática social, repleta de conotações ideológico-políticas que as práticas sociais acarretam. Decorre dessa consciência o crescente interesse numa lingüística de forte cunho crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística; Lingüística Crítica; prática social.

ABSTRACT: This article aims at reflecting on the necessity of developing the language studies on a critical basis. Very recent in the history of Linguistics, the Critical Linguistics is currently a consolidated movement. Approaching Linguistics in a critical way means abandoning one of the preconceived ideas on the linguistic research, which has constituted, in fact, a major difficulty: the notion of "neutrality" in sciences, inheritance of positivism which predominated when Linguistics was being consolidated as an autonomous subject. However, the linguistic community is more and more aware that, like in the other fields of knowledge, doing science is also a social practice and, for this reason, full of ideological and political connotations. This awareness has originated an increasing interest in a linguistics of a strong critical nature.

KEYWORDS: Linguistics; Critical Linguistics; social practice.

O clamor para que as reflexões teóricas em torno do fenômeno da linguagem sejam conduzidas com base em uma postura crítica tem, no máximo, umas duas ou três décadas de história. As primeiras conclamações nesse sentido ocorreram no Reino Unido (FOWLER; KRESS, 1989; HODGE; KRESS, 1979; FOWLER, 1986). Hoje, a Lingüística Crítica se apresenta como um movimento fortemente consolidado (FAIRCLOUGH, 1989; 1992; 1995; CAMERON et al., 1992; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), com adeptos nos quatro cantos do mundo. A julgar pela quantidade de livros, artigos em revistas especializadas, teses e dissertações defendidas, cursos em diversos centros de pesquisa no mundo inteiro, congressos internacionais e até mesmo novas revistas

sendo lançadas para atender ao público interessado cada vez crescente, a Lingüística Crítica veio para ficar. E, aos poucos, o lingüista vai recuperando seu verdadeiro papel enquanto cientista social, com um importante serviço a prestar à comunidade e, com isso, contribuir para a melhoria das condições de vida dos setores menos privilegiados da sociedade a qual pertence (RAJAGOPALAN, 1999a, 1999b).

Abordar a Lingüística de forma crítica implica, antes de tudo, abrir mão de uma das idéias pré-concebidas a respeito de pesquisa lingüística que, na verdade, apenas tem funcionado como um entrave. Trata-se da crença bastante arraigada de que, por ser um cientista, um estudioso que pretende estudar o fenômeno da linguagem nos mesmos moldes em que qualquer outro cientista estudaria o seu objeto de estudo, o lingüista deve apenas buscar uma maior compreensão a respeito daquilo que ele escolheu estudar, a saber, a linguagem. Ou seja, como um cientista da linguagem, não cabe ao lingüista fazer qualquer outra coisa além de *descrever* a linguagem da melhor forma possível. Qualquer tentativa de *inferir* no fenômeno estudado, seja no sentido de recomendar certos tipos de comportamento lingüístico em preferência a outros, seja no sentido de influenciar as decisões tomadas na esfera do planejamento lingüístico, deve ser sumariamente rechaçada, segundo a cartilha de conduta que sempre norteou os rumos da Lingüística desde que ela se ergueu como disciplina autônoma, digamos, no início do século XX.

A famigerada noção da "neutralidade" do cientista nada mais é do que uma herança do positivismo que imperou na época em que a Lingüística se consolidava como disciplina autônoma. Nas palavras de Cameron et al. (1992: 6):

O positivismo acarreta um certo apego ao estudo das freqüências das distribuições, e das tendências manifestadas pelos fenômenos observáveis, seguida por uma descrição, em termos nomológicos, das relações entre os fenômenos. Para lembrar um exemplo bastante utilizado, uma descrição nos moldes positivistas de um jogo de bilhar faria referência às bolas de bilhar rolando de um lado para o outro com velocidades diferentes, colidindo contra si e contra as bordas da mesa, e sendo lançadas em novas direções e com outras

velocidades - todas previsíveis e capazes de serem calculadas, recorrendo-se às leis da mecânica clássica. As únicas entidades reais nesse cenário seriam as bolas, os tacos e a mesa; porém não as forças de fricção, inércia, e gravitação (e parece nunca haver jogadores de bilhar numa descrição positivista de um jogo em curso).

Contudo, o fato é que nem os cientistas pertencentes às áreas exatas crêem mais na total isenção das suas atividades enquanto pesquisadores. Dizem eles com toda a franqueza e sem qualquer constrangimento que o seu trabalho também tem fortes conotações ideológicas e políticas. Ora, logo os estudiosos em áreas mais "amenas" (que, no entanto, sempre procuraram emular os passos dos seus primos mais "nobres"), que ainda insistem na tese da neutralidade do cientista, estão querendo ser mais realistas que o próprio Rei.

Felizmente, porém, conforme já disse, as coisas estão mudando. Ou melhor, começando a dar sinais de que estão prestes a mudar. Essa mudança está se firmando ao cabo de uma percepção de que a linguagem funciona como algo mais que um simples espelho da mente humana. Longe de ser um simples *tertium quid* entre a mente humana, de um lado, e o mundo externo, do outro, a linguagem constitui-se em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas as constantes lutas. A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta.

A idéia de que a atividade de teorizar, de construir teorias, não é uma atividade ideologicamente isenta ou neutra não se constitui, evidentemente, em nenhuma novidade. Talvez tenha sido essa a idéia que norteou os fundadores da Escola de Frankfurt, escola de crítica social que surgiu na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial. Para o grupo de pensadores que se reuniram sob a égide dessa instituição, a questão urgente a ser debatida era: o que, afinal, saiu errado no velho sonho

iluminista que apostava na propalada capacidade da Razão de conduzir a humanidade em direção à paz e à prosperidade para todos? Por que motivo os intelectuais que tanto apostavam na supremacia da Razão não conseguiram nem prever tanta devastação numa parte do mundo supostamente civilizado, muito menos fazer com que tais acontecimentos fossem parte de um passado enterrado de uma vez por todas?

A desconfiança em relação à suposta capacidade da Razão em conduzir a humanidade em direção a dias melhores logo iria dar lugar à total desesperança, assim que, um quarto de século depois, já nos meses finais da Segunda Grande Guerra, o mundo soube das atrocidades inimagináveis praticadas durante aquela guerra. “É possível fazer poesia após Auschwitz?” - a pergunta levantada por Adorno não só acenava para o desmoronamento definitivo de certos sonhos acalentados pelos intelectuais da época, mas também sublinhava a necessidade urgente de se repensar todo o quadro teórico então vigente. A irracionalidade e a crueldade imensurável não se restringiam aos atos bárbaros praticados pelos derrotados - atos que vieram à tona mais tarde, precisamente por terem sido derrotados, como acontece, com frequência, nesses casos. Os vitoriosos também não foram capazes de mostrar qualquer piedade, ou demonstrar domínio da razão sobre a emoção, ou da temperança e da equanimidade sobre a sede de vingança. O ataque punitivo e vingativo a Hiroshima e Nagasaki fez Oppenheimer, um dos pais da descoberta científica que tornou possível tamanha destruição indiscriminada, reunir sua equipe de pesquisadores e admitir a responsabilidade direta nas conseqüências práticas da sua descoberta. Ou seja, foi enterrada definitivamente a idéia de que a ciência pura desconheça qualquer moral, que a epistemologia possa estar desvinculada de considerações éticas ou juízos deônticos.

Juntamente com a percepção de que a Razão Iluminista havia falhado na nobre tarefa que lhe fora confiada - a saber, a de promover a emancipação de toda a humanidade -, estava se firmando uma outra idéia, a de que a linguagem ocupava um lugar central em nossas ponderações acerca da condição

humana. Trata-se, na verdade, de um desdobramento natural da chamada “virada lingüística” que houve no final do século XIX, acontecimento esse associado ao nome do lógico-filósofo alemão Gottlob Frege. Cada vez mais estava ficando patente que é na própria linguagem que devemos buscar as respostas para uma boa parte dos enigmas em torno da conduta humana que tanto afligiam os pensadores.

A Lingüística Crítica é herdeira de todas essas tendências na história da filosofia dos séculos passados. Ela nasceu a partir da conscientização de que trabalhar com a linguagem é necessariamente intervir na realidade social da qual ela faz parte. Linguagem é, em outras palavras, uma *prática social*. A lingüística também o é. A lingüística é uma prática social como qualquer outra e tem por seu objeto a própria linguagem que, contudo, conforme a abordagem teórica que se adota, pode ser caracterizada como uma realidade mental ou um objeto de natureza algorítmica, etc. - em suma, como qualquer coisa, menos uma prática social. Pois, as reflexões teóricas que os teóricos da linguagem, os lingüistas, costumam fazer também são atividades conduzidas na - e através da - linguagem. Aliás, não poderia ser de outra forma. Isso quer dizer que, ao contrário do que alguns teóricos gostariam de crer, suas atividades não estão - e nem jamais podem estar - fora da linguagem. Pelo contrário, elas são atividades eminentemente lingüísticas. Ora, logo temos a conseqüência inevitável de que pensar *sobre* a linguagem é também uma das tantas formas de pensar *na* linguagem. Ou, dito de outra forma, a oposição “metalinguagem/linguagem objeto” torna-se insustentável quando estamos trabalhando com as chamadas línguas “naturais” - termo esse que surgiu em oposição às “linguagens formais” que os lógicos e os matemáticos costumam inventar para finalidades específicas.

A possibilidade de se dispor de uma metalinguagem depende, por sua vez, da possibilidade de se apoderar de um ponto de vista transcendental em relação ao objeto de estudo. Dizer que tal possibilidade não está ao alcance do lingüista é apenas uma outra forma de dizer que não há como sair da linguagem para contemplá-la como se nada tivesse a ver com

ela. Ao reconhecer isso, estamos apenas levando a sério a tese de que a linguagem é envolvente. Ora, isso, por sua vez, significa que todo olhar é um olhar a partir de algum lugar sócio-historicamente marcado, e como tal atravessado por conotações ideológicas.

Não é por coincidência que os lingüistas que abraçam a corrente crítica partem do pressuposto inicial de que as nossas falas são atravessadas pelas conotações político-ideológicas. E isso que acabamos de observar vale também para as nossas falas a respeito da própria linguagem, já que não há como sair da linguagem para falar *sobre* ela de forma descompromissada. Como frisa Horkheimer (1989: 69) em seu ensaio "*Philosophie und kritisch Theorie*", escrito em 1937:

A teoria em seu sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões... A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os *homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida*. (ênfase acrescida)

A comunidade lingüística está felizmente se conscientizando cada vez mais do fato de que, da mesma forma que nos demais campos do saber, fazer ciência também é uma prática social, repleta de conotações ideológico-políticas que as práticas sociais acarretam (RAJAGOPALAN, 1998). Cada vez mais, pesquisadores estão tomando consciência de que não há como se esquivar da responsabilidade ética que tal conhecimento impõe à sua conduta na condição de pesquisadores. Donde o crescente interesse numa lingüística de forte cunho crítico.

REFERÊNCIAS

- CAMERON, D. et al. *Researching language: issues of power and method*. London: Routledge, 1992.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, H. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- _____ (ed.) *Critical language awareness*. London: Longman, 1992.
- _____ *Critical Discourse Analysis*. London: Longman 1995.
- _____ Discourse across disciplines: discourse analysis in researching social change. *ALLA Review*, n. 12, p. 3-17. 1997.
- FOWLER, R. *Linguistic criticism*. London: Oxford University Press, 1986.
- _____; KRESS, G. Critical linguistics. In: FOWLER, R. et al. (eds.) *Language and Control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1989.
- HODGE, R.; KRESS, G. *Language as ideology*. London: Routledge, 1979.
- HORKHEIMER, M. *Filosofia e teoria crítica*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Série Os Pensadores)
- RAJAGOPALAN, K. *Linguistics and the questions of ethics*. *Crop*. 4/5. 215-250.
- _____ Tuning up amidst the din discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, Oxford, ano 9, n. 1, p. 99-119, 1999a.
- _____ Critical approaches and their raison d'être: a rejoinder to Brumfit and Widdowson. *International Journal of Applied Linguistics*, Oxford, ano 9, n.1, p. 127-134, 1999b.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber